

1

Introdução

1.1

Experiências de uma viagem¹: a escolha do tema

O tema das diferenças sexuais tem se tornado, cada vez mais, assunto do dia a dia. A escola e seus sujeitos cotidianamente são convidados e/ou convocados a participar desta discussão. Seja na convivência em respeito e harmonia entre os sujeitos e suas diferenças, nas divergências de opiniões ou nos atos de não reconhecimento da diversidade sexual, as diferenças sexuais estão na escola.

O meu encontro com o tema da diversidade sexual no contexto do ensino se deu de maneira peculiar e intensa, na minha formação inicial como professor de ciências e biologia, mais especificamente durante a prática de ensino. Junto a um grupo de licenciandos/as², optamos por trabalhar com o tema da reprodução animal comparada para a regência a ser ministrada ao segundo ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFRJ. Nossa tarefa, de maneira geral, consistia em planejar, preparar e reger as aulas, além de selecionar e conduzir os métodos de avaliação dos alunos/as. A atividade de planejamento incluía também selecionar os subtemas relacionados ao tema central e dividir e coordenar os tempos de aula para cada tópico. Levamos em consideração temas mais recorrentes no currículo de ciências e biologia sobre reprodução animal: reprodução sexuada e reprodução assexuada; reprodução humana; gravidez; doenças sexualmente transmissíveis. Porém, a partir da vivência de alguns de nós e questionados pela disciplina de didática sobre o currículo enquanto escolha e seleção de valores em disputa, nosso grupo queria ir além.

Assim, um último tema, não esperado pelo professor regente da disciplina, fora destacado. Planejamos levantar questões sobre a sexualidade humana nas

¹ Utilizo a ideia da viagem como referência à construção desta pesquisa. Os subcapítulos em itálico são fragmentos do texto “Viajantes pós-modernos”, de Guacira Lopes Louro (2008a).

² Diante da ocultação das diferenças de gênero nos substantivos plurais, será colocada uma barra (/a ou /as) ao lado do substantivo com a flexão omitida sempre que necessário. A título de exemplo, neste caso, leia-se “licenciandos e licenciandas”.

aulas. Entretanto, pensávamos em fazer de maneira que não privilegiasse os padrões socialmente hegemônicos de sexualidade, ou seja, nossa intenção foi de algum modo questionar a naturalização da experiência heterossexual entre os seres humanos.

Optamos por dedicar um tempo de aula para iniciar um debate que fosse além do que o ensino de biologia tradicionalmente prioriza no currículo: abordamos a temática sobre bissexuais, transexuais, gays e lésbicas; discutimos o sexo para além do aspecto biológico e colocamos em debate o papel de gênero e identidade sexual. Naquele momento, entendíamos que não daríamos conta de toda diversidade que está em jogo, mas nosso objetivo era favorecer uma discussão inicial e pouco valorizada no ambiente escolar.

A aula foi bem recebida pelos estudantes que debateram, possivelmente pela primeira vez, sobre o tema de maneira formal, como conteúdo de uma aula de ciências³. Ainda que com certo espanto e surpresa, percebemos que os alunos/as puderam se expressar e apresentar suas dúvidas, inquietações, aproximações e preconceitos. Para nós, a aula se constituiu como um momento de tensão, angústia e medo, misturado a uma vontade de falar sobre o que não é dito, sobre sujeitos ocultados socialmente e também pela prática docente, especialmente no ensino de ciências.

Como pensar uma educação para além das fronteiras curriculares tidas como padrões, como constructos essencializados? De que forma professores/as podem articular temas pouco privilegiados, como questões de gênero, de raça, problemas sociais quando se tem um currículo dominado por outros conhecimentos vistos como fundamentais e inquestionáveis? Estas questões carregam um pressuposto importante: temas que envolvem a diversidade cultural não entram na escola, na maioria das vezes, pelos mesmos meios que entram outros temas legitimados. De que forma, então, a diversidade sexual entra na escola? E de que forma o ensino de ciências poderia estar mais atento à temática?

Esta experiência e suas inquietações motivaram-me a trazer para o mestrado em educação a articulação entre o ensino de ciências com o tema da

³ A fim de dinamizar a leitura, sempre que me referir às questões curriculares referentes às disciplinas escolares das ciências da natureza – ciências e biologia –, usaremos apenas “de ciências”, como em “ensino de ciências” ou “currículo de ciências”. Assim, evitaremos, conscientemente, a expressão “de ciências e de biologia”. Quando necessário, em reconhecimento das especificidades de cada disciplina, faremos a distinção necessária.

diversidade sexual, definindo e recortando meus interesses de pesquisa. Mais especificamente, a proposta é compreender como alguns docentes de ciências que se identificam como sensíveis à temática da diversidade sexual no currículo escolar estabelecem suas práticas pedagógicas.

Neste sentido, as ações dos sujeitos no ambiente escolar são fundamentais para que o debate aconteça e, para isso, considero a importância em investigar as situações do cotidiano escolar: os processos de ensino-aprendizagem, a prática docente, o currículo e a avaliação.

Uma proposta que vise articular seriamente a cultura escolar e a diversidade cultural dos/as estudantes deve levar a uma análise de diferentes elementos, tais como: a linguagem e o comportamento dos/as professores/as; os exemplos utilizados em sala; as relações entre os/as estudantes; os preconceitos presentes no ambiente escolar; os conteúdos curriculares; a formação inicial e continuada dos/as professores/as; os materiais didáticos; os processos de avaliação, entre tantos outros elementos. (ANDRADE, 2009a, p. 43)

Se por um lado, compreender os processos de ensino aprendizagem envolve muitos e diferentes aspectos, por outro, limitados pelo tempo da pesquisa, foi preciso fazer escolhas. Assim, optei por privilegiar alguns aspectos da prática docente no desenho desta pesquisa, ouvindo os professores/as, tentando entender como representam suas próprias práticas. Entendo que este aspecto pode dar indícios preambulares sobre a relação que professores/as de ciências estabelecem com os conhecimentos em disputa na construção do conhecimento escolar.

Nesta perspectiva, esta introdução apresenta a construção do objeto de pesquisa a partir da escolha do tema, como foi apresentado nesta primeira parte. A seguir, exploro alguns argumentos que respaldam a escolha e indicam a relevância do trabalho. No terceiro momento, percorro os caminhos situados pela literatura acadêmica através do levantamento bibliográfico sobre a temática da diversidade sexual e educação. Em seguida, diante dos achados do levantamento bibliográfico, estabeleço os eixos norteadores da construção da pesquisa: as questões iniciais; os objetivos suscitados pelas questões; as bases metodológicas e teóricas deste estudo. Por fim, descrevo os percursos tomados pela pesquisa, bem como a delimitação e a organização dos capítulos da dissertação.

1.2

O motivo da viagem: justificativas

As relações sociais são vivas. Estão sempre em movimento e adquirem, com o passar dos tempos, novas formas e fronteiras, em função das lutas por representação e das conquistas de poder. Entre destas disputas, estão os diferentes saberes e conhecimentos produzidos socialmente e ensinados nas instituições escolares. Neste contexto, a atividade pedagógica – sobre a qual me debruço neste trabalho de pesquisa – é comumente entendida como uma prática de formação, ou seja, como ação intencional e socialmente acordada para preparar os sujeitos para o mundo adulto. Arendt (1992, p. 247) reconhece que toda prática educativa pressupõe uma finalidade, ou seja, possui uma intencionalidade específica:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Para além da discussão de causas e efeitos, pensar a educação que se faz na escola significa, de certa forma, compartilhar uma lógica de existência com os sujeitos recém-chegados ao mundo que, ainda, não o compartilham. Assim, na perspectiva arendtiana, a ideia de *mundo comum* é fundamental. A filósofa se refere à razão pela qual criamos nossa cultura e confiamos nas crianças a possibilidade paradoxal de manter e ao mesmo tempo renovar este mundo (CÉSAR; DUARTE, 2010). Neste sentido, a escola se constitui como um campo onde conhecimentos e valores são disputados: ali circulam determinados saberes que são reconhecidos, tratados e legitimados em detrimento de outros saberes deliberadamente ocultados na cultura escolar. Esta ideia rompe os pilares modernos da neutralidade científica (SANTOS, 2010), de modo que as relações conhecimento/realidade e natural/social já não podem ser aceitas como concretas, dadas e preestabelecidas.

Ampliando e atualizando estas disputas, Louro (2013, p. 30, grifo nosso) demonstra como o tema das diferenças sexuais que ocorre na educação escolar se

configura enquanto ponto de tensão entre o que a escola legítima e oculta como conhecimento escolar:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma *pedagogia da sexualidade*, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras.

A afirmação de que exista com ou sem o consentimento dos sujeitos no interior da escola – diretores/as, professores/as, responsáveis, estudantes – uma *pedagogia da sexualidade* traz reflexões para pensar de que forma a sexualidade é afirmada e silenciada neste espaço. A escola, ao contrário do que possa parecer, está constantemente contribuindo na formação de indivíduos sexuados, porque a sexualidade não está à parte das experiências humanas. Ela está em toda e qualquer vivência humana, o que inclui, sem dúvida, a experiência escolar.

No caso brasileiro, a proposta – ainda não plenamente realizada – de uma escola pública aberta para todos e todas, no início do século passado, apresentou nacionalmente uma demanda política que até então não era necessária: um conjunto de acordos que pudesse guiar as instâncias indispensáveis à construção de um currículo comum. Desde a década de 1920, políticas públicas para a educação no Brasil se tornaram pauta de leis e discursos governamentais. No entanto, tais acordos foram, pela primeira vez, realizados nos anos de 1990, com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

A relação entre sexualidade, gênero e escola se tornou mais sólida no país justamente a partir da criação dos PCN, principalmente nos documentos direcionados à educação infantil e ao ensino fundamental, que apresentam em seu interior o eixo transversal da Orientação Sexual (BRASIL, 1998a). Segundo Altmann (2001), contudo, o tema da sexualidade emerge nestes documentos com caráter informativo e descritivo, como um dado da natureza e inerente à biologia humana, sendo deixados de lado aspectos da sua diversidade cultural. A aproximação feita com as temáticas ocorre na simples apresentação do tema da pluralidade, o que representa uma desvalorização e um não reconhecimento do tema das diferenças sexuais enquanto conhecimento escolar (ALTMANN, 2001; PULCINO, 2014).

Considerando estes apontamentos iniciais sobre o conhecimento escolar e a emergência da sexualidade como um possível tema transversal, entendemos que

problematizar a diversidade sexual no cotidiano escolar com seus respectivos atores (professores/as, estudantes, gestores/as e responsáveis) é tarefa necessária na reformulação de novas formas de pensar o papel da escola na construção de uma sociedade justa e igualitária, mas que reconheça as diferentes culturas e as diversas possibilidades de experimentar a vida.

1.3

Os encontros: a revisão da literatura acadêmica

A partir da definição do tema de pesquisa, foram elencadas algumas palavras-chave para iniciar a revisão de literatura. Trata-se de importante etapa para a construção da pesquisa acadêmica (LUNA, 2011), não apenas para o conhecimento geral de uma temática, mas também para identificar os referenciais teórico-metodológicos, os autores/as e grupos de pesquisa mais significativos no campo de pesquisa que se pretende entender. A revisão contribuiu para situar o interesse da pesquisa diante a produção acadêmica existente.

As palavras-chave foram escolhidas de forma que os resultados das buscas se aproximassem ao máximo de outras pesquisas no mesmo campo de interesse, principalmente no que diz respeito a práticas de reconhecimento das diferenças e o ensino de ciências. Além de estabelecer cinco palavras-chave centrais ao tema, outras variações ou palavras correlatas foram consideradas na busca (Tabela 1).

Palavras centrais	Diversidade sexual	Multiculturalismo	Ensino de Ciências	Saber Docente	Currículo
Palavras Correlatas / Variações	Sexualidade	Interculturalidade	Ensino de Biologia	Prática Docente	Curricular
	Orientação Sexual	Multicultural	Biológicas	Ação Docente	Curriculares
	Homossexualidade	Intercultural	Biologia	Saberes Docentes	Teoria Curricular
	Homossexual	Pluralidade Cultural			
	Heteronormatividade				

Tabela 1: Lista de palavras-chave utilizadas na revisão de literatura.

A primeira linha da tabela indica as cinco principais palavras-chave utilizadas nas buscas, bem como traduz os eixos temáticos considerados como os mais relevantes para esta pesquisa. A pluralidade de conceitos atribuídos a estas palavras nos fez buscar por outras correlatas, que podem ter sentido aproximado para diferentes autores/as ou em diferentes áreas do conhecimento. Estas palavras se encontram nas linhas inferiores da tabela, formando colunas de significados centrais à pesquisa. Esta variação entre palavras-chaves e palavras correlatas teve como intuito ampliar ao máximo o levantamento bibliográfico inicial a evitar que obras ou pesquisas de referência fossem desconsideradas.

Foram realizados dois diferentes levantamentos, a fim de buscar uma pluralidade de textos, de perspectivas e de autores/as. Primeiramente, foram selecionados trabalhos apresentados em dois grupos de trabalhos (GT) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Considerei a ANPEd um fórum privilegiado para a busca por ser a principal associação de pesquisadores em educação no país. Em seguida, foram realizadas buscas de artigos publicados em revistas acadêmicas na área de educação, contemplando aquelas mais qualificadas segundo a avaliação da Capes.

1.3.1 ANPEd

Foram feitas buscas nas publicações das reuniões nacionais⁴ da ANPEd pela relevância deste encontro acadêmico nas discussões sobre educação no Brasil. A ANPEd seleciona trabalhos submetidos e avaliados em 24 grupos de trabalho. Para esta pesquisa, foram focalizadas as publicações nos grupos de trabalho (GT) 12 (Currículo) e 23 (Gênero, Sexualidade e Educação), por dialogarem diretamente com os temas centrais desta pesquisa.

O GT 23 da ANPEd, um dos mais recentes da entidade, foi oficializado em 2006 e se constitui como um importante local de diálogo entre os principais autores/as que discutem gênero e sexualidade com sua interlocução na educação. A busca realizada no endereço eletrônico da associação possibilitou acessar os

⁴ As reuniões científicas da ANPEd eram anuais até 2013, quando então passaram a ser bianuais. Deste modo, até o momento da publicação desta dissertação, a reunião nacional de 2013 foi a última a acontecer.

trabalhos publicados pelo GT 23 desde a sua criação como grupo de estudo, em 2004. O fato de ser um dos grupos mais novos da ANPEd mostra a emergência recente e necessária das discussões de sexualidade e gênero para a educação.

Uma vez que o sistema online da ANPEd não permite buscas por palavras-chave, foram lidos os títulos de todos os 141 trabalhos publicados pelo GT 23 desde o surgimento do grupo. Algumas palavras foram importantes neste primeiro olhar, tais como sexualidade, educação sexual, homossexualidade, heteronormatividade e corpo. Utilizando-me deste primeiro filtro, 40 trabalhos foram selecionados, contendo pelo menos um trabalho de cada ano, uma indicação de regularidade do tema neste grupo.

Os resumos destes 40 trabalhos foram lidos para fazer uma seleção mais apurada, estabelecendo um conjunto ainda mais ajustado com as intenções da minha pesquisa. A busca mais detalhada considerou os trabalhos que articulam questões mais próximas sobre as relações entre escola e sexualidade e entre ensino de ciências e sexualidade. Assim, foram selecionados 7 trabalhos significativos (Tabela 2). Estes trabalhos foram apresentados na ANPEd entre os anos 2009 e 2012.

Grupo de Trabalho	Reunião Nacional da ANPEd	Ano	Total de artigos	Artigos selecionados pelo título	Artigos selecionados pelo resumo
23 Gênero, Sexualidade e Educação	36	2013	17	1	-
	35	2012	17	7	2
	34	2011	15	5	2
	33	2010	15	8	1
	32	2009	12	5	2
	31	2008	11	3	-
	30	2007	16	5	-
	29	2006	12	1	-
	28	2005	13	1	-
	27	2004	13	4	-
Total			141	40	7

Tabela 2: Resumo da busca de artigos selecionados no GT 23.

A fim de organizar este resultado e dar um sentido melhor à busca, dividimos os trabalhos selecionados pelos resumos em duas categorias de análise: (A) Corpo e Ensino de Ciências, com três trabalhos e; (B) Educação, Escola e

Diversidade Sexual, com quatro trabalhos. As relações estabelecidas em cada eixo foram centrais para estruturar melhor a construção do nosso objeto de pesquisa.

É interessante assinalar que todos os trabalhos selecionados para o primeiro eixo – Corpo e Ensino de Ciências – foram escritos por Elenita Pinheiro Queiroz Silva, sendo um deles em coautoria com Graça Aparecida Cicillini, ambas da UFU (Tabela 3). De fato, são os trabalhos de Elenita Silva, neste GT, que articulam as discussões de corpo e sexualidade especificamente no ensino de ciências e se aproximam bastante daqueles meus questionamentos iniciais na experiência na licenciatura do CAP/UFRJ.

Título	Autora/as	Instituição	Reunião Anual	Ano
Das noções de corpo no ensino de biologia aos dizeres sobre sexualidade	Elenita Silva	UFU	33 ^a	2010
	Graça Cicillini	UFU		
Tecendo percursos para pensar o corpo	Elenita Silva	UFU	34 ^a	2011
Corpo e sexualidade no ensino de ciências: experiências de sala de aula	Elenita Silva	UFU	35 ^a	2012

Tabela 3: Trabalhos selecionados para leitura sobre o eixo Corpo e Ensino de Ciências.

A abordagem comum aos três trabalhos de Elenita Silva sobre a construção das noções de corpo nas disciplinas escolares de ciências indica a presença de um discurso “biomedicalizado” (SILVA; CICILLINI, 2010, p. 4), disciplinador dos corpos. É importante considerar que a presença do tema da sexualidade em seus trabalhos ocorre principalmente através da perspectiva foucaultiana da sexualidade, enquanto argumentação construída historicamente, de modo que o primeiro volume da *História da Sexualidade: a vontade de saber* emerge como central nas análises das autoras.

Os trabalhos das autoras mostram a relevância do tema do corpo humano para as disciplinas escolares de ciências e evidenciam um ponto de tensão. Por um lado, as ciências naturais criaram a ideia de corpo fisiológico, anatômico, mas nessa concepção biologizada do corpo reside uma consequência: a essencialização das identidades (MACEDO, 2005). Desta forma, que sentidos de *corpo* são construídos por professores/as de ciências? Como estes sentidos estão associados ao ensino de ciências? Como estes professores/as articulam os temas corpo e

sexualidade no ensino? Estas perguntas influenciaram, posteriormente, a construção das minhas categorias de análise.

O segundo eixo – Educação, Escola e Diversidade Sexual – inclui trabalhos sobre o papel da escola e seus agentes no debate da valorização das diversidades sexuais (Tabela 4). A intenção em selecionar estes trabalhos para construção da pesquisa foi buscar indícios de como o tema da diversidade sexual está sendo compreendido no interior da escola, tanto através da prática pedagógica quanto do currículo. Foram selecionados quatro artigos que problematizam questões que perpassam a discussão sobre a diversidade sexual: gênero, sexualidade, orientação sexual, homossexualidade e heteronormatividade.

Título	Autoras	Instituição	Reunião Anual	Ano
Corpos, escola e sexualidades: um olhar sobre um programa de orientação sexual	Paulo Melgaço da Silva Júnior	UERJ	32ª	2009
Docências que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero: a escola como espaço de imposições de poderes e resistências	Neil Franco P. de Almeida	UFU	32ª	2009
	Maria Veranilda S. Mota	UFV		
Heteronormatividade ou reconhecimento? Professores e professoras diante da homossexualidade	Lucélia de Moraes Braga Bassalo	UEPA	34ª	2011
Sexualidade, gênero e diversidade: currículo e prática pedagógica	Alexandre Silva Bortolini	PUC-Rio / UFRJ	35ª	2012

Tabela 4: Trabalhos selecionados para leitura sobre o eixo Educação, Escola e Diversidade sexual.

O trabalho de Silva Júnior (2009) se aproxima dos trabalhos de Silva e Cicillini (2010) e Silva (2011, 2012), porém retoma a discussão de sexualidade não no ensino de ciências, mas dentro de um programa de orientação sexual. Assim como as disciplinas escolares de ciências, os programas de orientação sexual são tradicionalmente criticados pela intencionalidade higienista no controle dos corpos e da normatização da sexualidade. Por outro lado, os projetos analisados por Silva Júnior (2009) indicam um movimento contrário e rompem padrões hegemônicos da sexualidade humana. Isto nos faz refletir sobre a existência de uma corrente também contrária no ensino de ciências.

A pesquisa de Almeida e Mota (2009) discute o papel da escola na manutenção dos poderes hegemônicos, mas também como palco de importantes resistências, como nas identidades sexuais dos professores/as que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. Tal como os questionamentos sobre o

eixo de análise anterior, é válido se perguntar: poderia o ensino de ciências estar voltado para a não-afirmação da heteronormatividade como um outro espaço de resistência?

O terceiro trabalho, de Bassalo (2011), trouxe uma contribuição valiosa à pesquisa, pois questiona a relação entre professores diante de padrões heteronormativos. O trabalho introduz o conceito de heteronormatividade como matriz de reprodução de valores socialmente aceitos, contribuindo na reflexão inicial sobre esta temática.

Por fim, foi selecionado o trabalho de Bortolini (2012) por considerar a discussão sobre sexualidade, gênero e diversidade tanto no aspecto curricular quanto da prática docente. Da mesma forma, currículo e prática pedagógica são dois *loci* escolares que são discutidos em nossa pesquisa; por outro lado, diferentemente da proposta do autor em observar as práticas, esta pesquisa se aproxima especificamente das experiências escolares relatadas por professores das disciplinas escolares de ciências e de biologia.

Os trabalhos do GT 23, de maneira geral, contribuíram significativamente para pensar o tratamento da diversidade sexual como valores emancipatórios de grupos socialmente marginalizados e, de maneira específica, para pensar a educação e o ensino de ciências como possibilidade desta emancipação. Em compensação, percebemos que ainda são poucos os trabalhos apresentados nesta perspectiva nas Reuniões da ANPEd, pelo menos neste GT, o que demonstra e justifica a necessidade de mais trabalhos que relacionem sexualidade e ensino de ciências.

Foram consultados também os trabalhos do GT 12 da ANPEd, que concentra pesquisas no campo do Currículo. Este grupo de trabalho, um dos mais antigos da associação, apresenta uma quantidade maior de trabalhos entre os anos 2004 e 2013, totalizando 169 artigos. Pela leitura dos títulos, selecionei os que abordavam questões de sexualidade ou ensino de ciências, chegando a um total de 11 trabalhos.

As palavras mais importantes consideradas nesta busca foram: ensino de ciências, identidade, diferença, multiculturalismo e educação intercultural. Os resumos dos 11 artigos encontrados foram lidos para que fosse realizada uma segunda filtragem, resultando em 3 trabalhos que demonstraram apresentar maior relação para a construção da pesquisa (Tabela 5).

Grupo de Trabalho	Reunião Nacional da ANPEd	Ano	Total de artigos	Artigos selecionados pelo título	Artigos selecionados pelo resumo
12 Currículo	36	2013	17	1	1
	35	2012	15	-	-
	34	2011	29	2	-
	33	2010	18	1	-
	32	2009	17	1	1
	31	2008	17	1	1
	30	2007	15	-	-
	29	2006	11	2	-
	28	2005	18	2	-
	27	2004	12	1	-
Total			169	11	3

Tabela 5: Resumo da busca de artigos selecionados no GT 12.

Dos três trabalhos selecionados, dois articulam currículo com questões do ensino de ciências e um com questões de sexualidade em geral (Tabela 6). Em todos os casos, a presença de perspectivas pós-estruturalistas é marcante, tendência que se seguiu com a construção do projeto de pesquisa.

Título	Autoras	Instituição	Reunião Anual	Ano
Análise do processo de construção de um currículo pós-crítico de ciências por seus sujeitos	Mônica Fogaça	USP	31 ^a	2008
Educação intercultural em ciências: O ensino e aprendizagem em ciências como cruzamento de fronteiras	Rodrigo dos S. Crepalde	UFMG	36 ^a	2013
Currículos praticados e a construção da heteronormatividade	Marcio R. do Vale Caetano	UFF	32 ^a	2009

Tabela 6: Trabalhos selecionados para leitura no GT 12.

Os dois primeiros trabalhos selecionados para estudo versam sobre educação em ciências sob o olhar de paradigmas emergentes para se pensar o currículo, como o viés pós-crítico e a interculturalidade. Optei por privilegiar trabalhos que discutam o ensino de ciências para além das teorias tradicionais e críticas do currículo por compreender que as questões de gênero e sexualidade não podem ser tratadas como naturais e neutras no interior das disciplinas escolares de ciências.

Fogaça (2008) analisa fatores que influenciaram a construção curricular de ciências de uma escola para além de influências externas, como a LDB/1996 e os PCN. São apresentados três principais fatores: a formação continuada dos professores, a construção curricular coletiva e o constante diálogo entre os professores envolvidos no projeto. Este trabalho apresenta possibilidades e caminhos para pensar formas que os professores podem percorrer para empreender seus conhecimentos na construção de currículos.

A pesquisa de Crepalde (2013), apresenta uma investigação minuciosa sobre o ensino de ciências através da perspectiva intercultural. A articulação entre os campos constitui uma forma de pensar a formação e a prática docente no ensino de ciências para além de valores hegemônicos, tradicionalmente valorizados no conhecimento escolar. A perspectiva multi/intercultural se mostra, assim, bastante rica para verificar movimentos de construção curricular por professores/as interessados no valor das diferenças sexual para o ensino de ciências.

O último trabalho selecionado, de Caetano (2009), investigou práticas heteronormativas no interior do currículo praticado por professores homossexuais ou transexuais. Para o autor, este tipo de prática ocorre cotidianamente no contexto escolar, independente das formações identitárias dos professores. Este trabalho valoriza o papel docente enquanto construtor de currículos e ajuda a pensar questões de cultura e identidade como marcas da estrutura curricular.

Os trabalhos aqui selecionados tentam abarcar tanto a relevância dos professores/as de ciências quanto as questões de sexualidade no ensino e na formação do currículo escolar. Reconhecemos o currículo como espaço fundamental para valorização dos sujeitos, ainda mais aqueles socialmente marginalizados. Os trabalhos selecionados parecem também concordar com esta afirmativa e contribuíram na delimitação do objeto de pesquisa.

1.3.2

Artigos de periódicos

Para definir um critério coerente de busca e relevância para os artigos científicos, foram observadas as referências bibliográficas de todos os 51

trabalhos selecionados pelo título nos GT 12 e 23 da ANPED e levantados todos os periódicos que apareciam nestes trabalhos. Foram encontrados artigos acadêmicos publicados em 40 periódicos, os quais são apresentados com a respectiva classificação no Qualis Periódicos da Capes (Tabela 7).

Revista ⁱ	Classificação ⁱⁱ	Ocorrências nos trabalhos dos GTs 12 e 23, da ANPED
Educação & Realidade	A1	27
Educação & Sociedade	A1	13
Cadernos Pagu	A2	9
Cadernos de Pesquisa	A1	6
Revista Estudos Feministas	A2	6
Educação & Pesquisa	A1	4
Revista Brasileira de Educação	A1	4
Pro-posições	A1	4
Currículo Sem Fronteiras	A2	4
Cadernos CEDES	A2	3
Educação em Revista	A1	2
Psicologia Política	B2	2
Pulsional	B3	2
Mente & Cérebro	Não avaliada	2

Tabela 7: Resumo das informações obtidas nas referências bibliográficas dos trabalhos da ANPED selecionados pelo título.

ⁱ Outros 26 periódicos apareceram apenas uma vez no total da busca.

ⁱⁱ Classificação da Capes na área Educação.

A partir deste resultado, foram realizadas buscas por artigos em todos os periódicos classificados como A1 ou A2 com mais de uma ocorrência, o que definiu 11 revistas no total, a saber: Educação & Realidade; Educação & Sociedade; Cadernos Pagu; Revista Estudos Feministas; Cadernos de Pesquisa; Educação & Pesquisa; Revista Brasileira de Educação; Pro-posições; Currículo Sem Fronteiras; Cadernos CEDES; Educação em Revista. Ainda que seja possível questionar os critérios de avaliação e classificação dos periódicos pela Capes, cumpre reconhecer que os periódicos mais citados nos trabalhos acadêmicos da ANPED são também os melhores avaliados, conforme pode se inferir na Tabela 7.

Recorri, então, aos sites das revistas selecionadas, a maioria indexada pela SciELO. A revista Currículo Sem Fronteiras não possui um mecanismo de busca por palavras-chave e foi descartada deste levantamento, devido à impossibilidade de realização de um procedimento de busca que fosse seguro e se assemelhasse ao

realizado nos outros periódicos. Nas demais revistas, foram inseridas todas as palavras-chave apresentadas na Tabela 1, considerando o recorte temporal de 14 anos (2000 a 2013). Desta forma, 97 artigos pareceram possuir alguma articulação com o interesse da pesquisa. As palavras-chave relacionadas à diversidade sexual e ao currículo concentram a maioria dos artigos selecionados, com 40 e 28 artigos respectivamente.

No entanto, é importante ressaltar que nesta seleção de 97 artigos, apenas dois se aproximam mais especificamente da perspectiva desta pesquisa. O primeiro articula o tema da sexualidade com ensino de biologia, especificamente a respeito dos discursos sobre homossexualidade durante a formação docente (SOUZA; DINIS, 2010). Os autores compreendem que, no caso estudado, há uma mudança no entendimento das formandas sobre as diferenças sexuais, principalmente no repúdio às discriminações, mas, por outro lado, pouco efetivamente mudou sobre o entendimento da condição normatizada da heterossexualidade.

Além disso, sente-se falta, no discurso das ciências biológicas, de um caminho de volta da cultura à biologia; ou seja, o reconhecimento de que, sobretudo quando se trata de questões humanas, muito do que é dado como terreno exclusivo das ciências naturais recebe influência direta das instituições e das práticas sociais. (SOUZA; DINIS, 2010, p. 132)

O segundo artigo se aproxima da discussão sobre sexualidade, mas no tocante ao tema da diferença de gênero em livros didáticos de ciências (MACEDO, 2007). A autora percebe que o conceito de gênero é reduzido à medida em que a própria diferença, masculina e feminina, é universalizada:

[...] entendo que narrativas hegemônicas na modernidade, dentre as quais destaco o Iluminismo, são fortes nos currículos de ciências. Fazem parte de nossas tradições, buscando direcionar os sentidos que podemos dar a nossas experiências escolares. Criam sentidos para masculino e feminino, mas, mais do que isso, pretendem nos acostumar com a inexorabilidade das oposições binárias a partir das quais a diferença só pode ser pensada como diversidade. (MACEDO, 2007, p. 55-56)

Ambos os autores demonstram uma tensão entre ciência e cultura. Tanto como discurso na formação docente como quanto construção curricular das disciplinas escolares de ciências, as diferenças culturais são cerceadas a meras consequências das diferenças biológicas entre os indivíduos. Este ponto de tensão, seja por experiência pessoal ou por demanda social, é refletido também nas experiências cotidianas dos professores.

Para concluir este levantamento, considero que se por um lado os trabalhos empíricos encontrados mediam questões culturais nas ciências e, especificamente, contribuem para a articulação entre sexualidade e ensino de ciências, por outro, demonstram a escassez de publicações em periódicos conceituados. Neste sentido, as associações e encontros entre profissionais das universidades e das escolas parecem ainda ser um espaço mais privilegiado para a socialização de pesquisas sobre as experiências dos professores no cotidiano escolar, o que parece ainda não ocorrer da mesma forma nos periódicos, principalmente aqueles considerados como os mais qualificados pela área.

1.4

Da via planejada: aspectos metodológicos da pesquisa

O levantamento bibliográfico e a posterior revisão da literatura selecionada demonstraram uma carência de pesquisas que articule mais intimamente as práticas docentes com o tema da valorização da diversidade sexual no interior das disciplinas escolares de ciências. Entendo que as bases das ciências naturais e da biologia evolutiva na construção das disciplinas escolares de ciências atuam fortemente na naturalização do currículo escolar (MACEDO, 2007; MARANDINO; SELLES; FERREIRA, 2009), como no caso dos saberes sobre o corpo. Meu intuito, então, foi se direcionando para a necessidade de compreender o protagonismo docente na construção de um currículo que, na contramão da hegemonia, problematiza o binarismo natureza/cultura no interior das aulas de ciências.

1.4.1

Questões iniciais

Como o tema do reconhecimento da diversidade sexual aparece em práticas docentes e no currículo de professores/as de ciências? Esta pergunta resume, ainda que de maneira muito ampla, minha principal intenção com este trabalho e aponta para os sujeitos desta pesquisa: professores/as de ciências que de alguma forma realizam práticas não heteronormativas em suas aulas. Convém

afirmar que não pretendo dar conta de toda complexidade que o tema nos coloca, mas foi possível extrair desta pergunta central, algumas questões secundárias e mais específicas.

A partir da experiência pessoal relatada no início do capítulo e da revisão da literatura, destaco as seguintes questões que orientaram a pesquisa:

- Quem são os professores/as de ciências que dialogam com a diversidade sexual no currículo escolar? Que formações realizaram? Quais experiências profissionais possuem? Que espaços, além da escola, frequentam?
- Como estes professores/as de ciências entendem uma educação que respeite a diversidade sexual? Quais conteúdos consideram mais pertinentes para se trabalhar a diversidade sexual? Que tipo de atividades pedagógicas costumam priorizar?
- Como a diversidade sexual aparece no currículo, nas formações e nas práticas de professores/as de ciências que dialogam com o tema? Tais formações e práticas permitem a valorização da diversidade sexual no currículo escolar de ciências?

1.4.2

Objetivos da pesquisa

A formulação das questões orientadoras da pesquisa serviu de base para a construção dos objetivos deste projeto. Considerando a pergunta central, o objetivo principal desta pesquisa é compreender como determinados professores/as de ciências e biologia estabelecem suas práticas e constroem currículos que dialogam com a diversidade sexual. É importante destacar que a palavra “determinados”, na frase anterior, demonstra nossa intenção de que os professores/as selecionados para esta pesquisa compreendessem que suas práticas possuem interesses para com o reconhecimento das diferenças sexuais.

Da mesma forma que as limitações da questão central que esta pesquisa se propôs reconfigurou-se em questões mais detalhadas, traçamos também objetivos específicos a fim de traduzir melhor os questionamentos apresentados anteriormente durante o andamento da pesquisa. Sendo os sujeitos da pesquisa

professores/as de ciências que apresentam práticas pedagógicas de reconhecimento e valorização das diferenças sexuais, os objetivos da pesquisa são:

- Analisar as relações que estes professores/as fazem sobre o tema da diversidade sexual no contexto do ambiente escolar.
- Compreender as impressões e percepções destes professores/as sobre o tema da diversidade sexual enquanto prática pedagógica.
- Investigar de que maneira estes professores/as associam o tema da diversidade sexual com o conteúdo curricular de ciências.
- Identificar as possíveis motivações anteriores, coetâneas e posteriores à formação docente destes professores/as para a forma como tratam da diversidade sexual.

1.4.3 Pressupostos metodológicos

Para cumprir os objetivos estabelecidos, esta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, na medida em que busquei compreender relações, representações pessoais, intencionalidade e subjetividade (MINAYO, 1994). Desta maneira, a intenção da pesquisa não foi compreender a atividade docente como um todo, ou seja, não pretendemos generalizar os achados da pesquisa, mas refletir sobre os possíveis significados encontrados nas falas de um grupo específico de professores.

Uma consequência perversa da centralidade das ciências modernas é a definição de rigor científico através das medições, da objetividade quantitativa (SANTOS, 2010). Tal racionalidade científica, segundo van Zanten (2004), reflete um problema central nos estudos qualitativos nas ciências sociais: a suposta falta de credibilidade desta perspectiva devido ao caráter subjetivo das interpretações realizadas. Esta discussão entre objetividade/subjetividade na pesquisa – e, principalmente, nas interpretações dos resultados – foi também discutida por Bourdieu (2008, p. 694-695):

O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se esforça

para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente.

Há uma tensão entre a construção do conhecimento e o sentimento de subjetividade, geralmente no sentido a desqualificar a subjetividade na pesquisa científica. Desta forma, entendo que o caráter objetivo de uma pesquisa acadêmica, seja ela de caráter qualitativo ou quantitativo, represente que esta atende a procedimentos específicos, apresenta determinada qualidade e deve ser passível de análise e crítica por outros cientistas da área (ALVEZ-MAZZOTTI, 2001). Neste sentido, considero que a pesquisa ora apresentada atende a estes critérios, ou seja, responde a procedimentos específicos e verificáveis por outros pesquisadores, bem como está disposta às críticas que possam contribuir com o campo das pesquisas sobre gênero, sexualidade e educação, especialmente no ensino de ciências.

A entrevista semiestruturada foi escolhida como procedimento específico para a coleta de dados por ser uma estratégia metodológica dialógica e interativa, isto é, corresponde a uma relação social que destaca o papel dos sujeitos envolvidos em sua própria construção de significados (BOURDIEU, 2008; OLIVEIRA; FONSECA; SANTOS, 2010). Duarte (2004) atenta à importância das entrevistas na necessidade de conhecer questões sociais pouco delimitadas e em compreender lógicas e significados pertencentes ao grupo trabalhado. Quando bem realizadas, as entrevistas permitem

ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p. 215)

Como ocorre na maioria das pesquisas qualitativas, os sujeitos foram escolhidos a partir de uma amostragem não-probabilística intencional (MOURA; FERREIRA, 2005), ou seja, os indivíduos selecionados apresentam necessariamente algumas características preestabelecidas. Os sujeitos buscados para esta pesquisa foram professores/as de ciências do ensino fundamental ou de biologia do ensino médio que se identificam como realizadores de trabalhos sensíveis à temática das diferenças sexuais, isto é, docentes que incorporam o

debate sobre a diversidade sexual como currículo das disciplinas escolares de ciências e de biologia.

Ainda que os professores/as estejam mais acostumados em trabalhar o tema da sexualidade no ensino médio, o ensino fundamental constitui uma importante fase de desenvolvimento dos jovens e decidi por não me limitar pela faixa etária dos estudantes. Não delimitarei tampouco nenhuma faixa etária e tempo de experiência dos docentes selecionados a fim de permitir um maior número de sujeitos alcançados para as entrevistas.

Ao tratar sobre como encontrar os indivíduos para a pesquisa, Moura e Ferreira (2005, p. 53) indicam que o pesquisador deve “dirigir-se a locais onde sabe que irá encontrá-las”. Como esta pesquisa elegeu professores/as cujas práticas são muito específicas e circunscrita numa região geográfica, a Cidade do Rio de Janeiro, a busca destes sujeitos nas escolas se mostraria um trabalho extremamente exaustivo e demasiado lento. Para tentar contornar esta situação, busquei os sujeitos de pesquisa seguindo a técnica de *snowball*: “trata-se de metodologia de indicação de informantes (...) quando os indivíduos que se quer acessar são difíceis de encontrar, ausentes, subrepresentados ou invisibilizados” (VALENTIM, 2012, p. 37-38).

O resultado foi, ainda assim, pouco expressivo através da técnica de *snowball*. Podemos deduzir que de alguma forma não há uma sólida rede de profissionais discutindo sobre o tema da diversidade sexual no ensino de ciências na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos não com os informantes encontrados. Iniciado num grupo de discussão de alunos/as e ex-alunos/as do curso de Ciências Biológicas da UFRJ, por proximidade pessoal, a técnica não se expandiu para além deste local e centralizou, em sua maioria, entrevistados/as formados nesta universidade. A única exceção foi uma entrevistada graduada pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Tentei contato também em outros grupos de professores de ciências e biologia, sem sucesso.

Assim, foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas individuais, a fim de obter declarações personalizadas, idiossincrásicas, guiadas através de um roteiro de perguntas preestabelecido (Apêndice 1). O roteiro da entrevista foi elaborado a partir da revisão da literatura, dos questionamentos iniciais da pesquisa e dos objetivos pretendidos, mas sua estrutura não ficou engessada em si. Como argumenta Triviños (1987), esta é uma característica importante das

entrevistas semiestruturadas, as quais poderão surgir novas perguntas de acordo com a participação do informante. Foi solicitado que os participantes preenchessem um formulário para identificação de perfil (Apêndice 2) e também que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3) para lhes garantir anonimato nesta pesquisa e em quaisquer de suas publicações. O projeto passou pela Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (Anexo 1) que deu parecer favorável em respeito aos aspectos éticos da pesquisa.

O roteiro de entrevista possui cinco partes: (A) *Formação profissional*; para iniciar a entrevista, uma breve introdução sobre a trajetória profissional, com foco nos prazeres e dificuldades no exercício da profissão. (B) *Diversidade sexual no cotidiano escolar*; neste momento, indicamos a leitura de uma reportagem de jornal (Anexo 2) para iniciar a discussão sobre diversidade sexual; nosso foco neste bloco, além de verificar sua relação pessoal com a escola em que trabalha, foi perceber como o docente se posiciona de acordo com o tema na escola, de maneira geral. (C) *Diversidade sexual na prática docente*; neste momento, o tema da diversidade sexual enquanto prática pedagógica foi explorado com o intuito de evidenciar a relação do professor ou professora com sua ação; (D) *Diversidade sexual no ensino de ciências*; um dos blocos mais particulares de análise, os professores/as explicitam suas associações do tema da diversidade sexual com o ensino de ciências especificamente; por fim, (E) *Sensibilização para a diversidade sexual*; se as práticas surgem nas aulas destes professores, este bloco de perguntas busca identificar as possíveis motivações e sensibilizações que as permite trabalhar com o tema para além das práticas normativas.

Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas para então serem analisadas. Nesta última tarefa, conforme indicado por Duarte (2004), os relatos foram examinados com o auxílio das ferramentas de um software de análise de dados qualitativos, o ATLAS.ti 7.0.

1.4.4 **Pressupostos teóricos**

Foram exploradas duas questões teóricas para que o papel do professor na construção de saberes sobre a diferença sexual fosse melhor compreendido: a

relevância dos saberes docentes na construção do currículo e o papel questionador do multiculturalismo.

Maurice Tardif e colaboradores (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991; TARDIF; RAYMOND, 2000) realizaram um longo debate sobre as diferentes instâncias qualificadoras dos saberes dos professores: os saberes da formação, das áreas acadêmicas, do currículo oficial, todos em torno do conhecimento de referência, tradicionalmente legitimado na cultura escolar. Entretanto, os autores atentam à importância dos saberes gerados na/pela prática profissional, na vivência da docência como componente nuclear de um saber docente. Esta categoria tem sido explorada como instrumental teórico que valoriza a ação docente ao mesmo tempo que demonstra o papel fundamental de professores e professoras como construtores de conhecimentos.

Deste modo interessa-me ir além das discussões epistemológicas ao trazer este debate para o cerne da experiência profissional. Abordar esta perspectiva num trabalho empírico direcionado à prática vai ao encontro da crítica de Monteiro (2001, p. 123) acerca dos trabalhos teóricos sobre saberes docentes:

Acreditamos, no entanto, que mesmo esses trabalhos, que representam um avanço significativo para a compreensão da especificidade da ação docente, ainda se ressentem da ausência de pesquisas que direcionem seu foco de análise mais diretamente sobre a relação dos professores com os saberes que ensinam [...]

A perspectiva dos saberes docentes privilegia o protagonismo das interações humanas na construção dos conhecimentos escolares ao mesmo tempo em que se afasta da visão tecnicista da prática educacional. Num cenário no qual a educação constantemente se ausenta do diálogo sobre a diversidade sexual, este quadro teórico permite compreender o papel dos professores/as no reconhecimento das diferenças sexuais. A sexualidade se constitui como saber que não está naturalmente presente no cotidiano escolar ou, quando está, entra através de sujeitos de alguma maneira sensibilizados pela temática.

Entendo que estes saberes sobre o sexo e sexualidade humana estão relacionados ao tema das diferenças culturais. A constatação de que coexistem diferentes culturas – de raça, gênero, sexo, religião e etc. – em uma mesma sociedade é base dos estudos sobre multiculturalismo; enquanto descrição, o multiculturalismo se configurou como conceito de análise e formou um campo teórico de estudos acadêmicos (SEMPRINI, 1999).

O multiculturalismo se configura para além das epistemologias: se forma também em projetos políticos de reconhecimento das diferenças culturais. Há diferentes concepções ideológicas e políticas que fundamentam tipos variados de multiculturalismos, mas concordamos com a abordagem crítica, também chamada de intercultural (CANDAU; LEITE, 2007; CANDAU, 2008, 2012), principalmente para entender relações entre diferentes culturas na educação.

A perspectiva intercultural quer promover uma educação para o reconhecimento do 'outro', para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural. Uma educação capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (CANDAU, 2012, p. 51)

Desta forma, ao me apoiar nas ideias de uma educação que se queira intercultural, acreditamos pensar, assim como os sujeitos desta pesquisa, no reconhecimento das diversidades sexuais dentro do ensino de ciências.

1.5

Ao se deslocarem: percursos da pesquisa

A partir das questões e objetivos levantados e da apresentação dos pressupostos teóricos e metodológicos, esta pesquisa foi estruturada em três capítulos, além deste primeiro capítulo introdutório e das considerações finais, que encerra a análise como quinto capítulo.

No segundo capítulo, discuto questões sobre a especificidade do conhecimento escolar e a relevância dos saberes mobilizados pelos professores/as em sua constituição. Segui a linha de construção histórica dos campos da didática e do currículo no Brasil na tentativa de situar as críticas ao conhecimento valorizado por estas áreas e posteriormente a relevância das questões culturais para estas novas epistemologias, tal como os saberes docentes e o multiculturalismo, que são os meus referenciais teóricos. Em seguida, analiso as finalidades dos conhecimentos mobilizados pela escola através das distinções existentes sobre conhecimento científico e conhecimento cotidiano e situo o aspecto machista do conhecimento científico enquanto uma das causas de sua valorização no ambiente escolar. Ao final deste capítulo evidencio a possibilidade

do papel protagonista do professor na construção e mediação dos conhecimentos escolares através da perspectiva dos saberes docentes.

No terceiro capítulo, levanto aspectos para pensar a sexualidade enquanto categoria de análise. Inicialmente busco entender como o conceito de cultura é compreendido pelas ciências sociais e destaquei dois desdobramentos importantes empreendidos na área: identidade cultural e multiculturalismo. Após esta análise sobre a cultura, discuti, através de uma investigação histórica, a construção e transformação do conceito de sexualidade pelas ciências sociais. Por fim, indico novas leituras que as ciências sociais estão engendrando ao conceito de sexualidade: as perspectivas feministas do conceito de gênero; a teoria *queer* enquanto categoria pós-identitária; as discussões sobre heterossexualidade como norma única de experiência da sexualidade e suas consequências na homofobia.

No quarto capítulo, apresento a análise das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa. O capítulo está dividido em três momentos: no primeiro, apresento aspectos mais amplos sobre a relação que os professores fazem com o tema da diversidade sexual no ambiente escolar. No segundo momento, discuto três hipóteses levantadas pelos professores e busquei verificá-las na centralidade das práticas docentes, ou seja, as formas e maneiras que os professores entrevistados relatam trabalhar com o tema em sala de aula. Por fim, esforcei-me por entender melhor o que leva os professores a discutir diversidade sexual como prática de trabalho, sem atribuir motivos e razões únicas, mas na tentativa de confluir diversos fatores dos saberes docentes.